

Uma atualização da lista de traduções de José Saramago de Horácio Costa

An update of the list of translations of José Saramago by Horácio Costa

Rodrigo Conçole Lage¹

Resumo: Horácio Costa, em *José Saramago: o Período Formativo*, dedicou um capítulo ao estudo das traduções feitas pelo escritor e elaborou uma lista delas. Contudo, por ter consultado somente o arquivo da Biblioteca Nacional de Lisboa, ele deixou de incluir alguns livros. Nosso objetivo é complementar essa listagem, enquadrando essas traduções à luz de suas análises, examinando o papel que podem ter tido na sua formação. Com essa finalidade, apresentamos de forma resumida a lista elaborada por Costa, completando-a com as que foram encontradas na lista da Fundação José Saramago e na de Jorge Santos, citada por Ana Paula Ferreira em *Tradução e utopia pós-colonial – a intervenção invisível de Saramago*, do livro *“O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia”*: Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago. Por termos referências sobre o papel de uma, nós dividimos nosso artigo em quatro partes. Inicialmente, apresentamos a sua lista. Na sequência, apresentamos as traduções que não estão nela; examinamos o papel da feita por Duby na sua formação e, por fim, examinamos as demais, apresentando algumas reflexões sobre a sua importância nesse processo.

Palavras-chave: José Saramago; tradução; bibliografia.

Abstract: Horácio Costa, in the book *José Saramago: o Período Formativo*, devoted a chapter to the study of the translations made by the writer and made a list of them. However, for having limited himself to consult the archive of Biblioteca Nacional de Lisboa, he didn't include some books. Our aim is complement this listing, framing these translations in light of their analyses, examining the role that they may have had in their formation. To this end, we present in summary form the list made by Costa, supplementing it with the ones found on the list of Fundação José Saramago and in the Jorge Santos, cited by Ana Paula Ferreira in *Tradução e utopia pós-colonial – a intervenção invisível de Saramago*, from the book *“O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia”*: Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago. As we have references about the role of one, we divided our article into four parts. Initially, we present your list. In sequence, we present the translations that are not in it; we examine the paper of made by Duby in its formation and, finally, we reviewed the others, presenting some thoughts about its importance in this process.

Keywords: José Saramago; translation; bibliography.

Considerações Iniciais

Os estudos literários nem sempre dão maior atenção as traduções feitas por um escritor, no sentido de examinar o papel desse trabalho na sua formação e a importância que elas podem ter dentro do conjunto da sua obra. Ao mesmo tempo, muitas vezes não temos uma listagem delas ou, quando elas existem, são lacunares. Foi o que aconteceu na lista elaborada por Horácio Costa. Ao estudar a questão ele afirma: “As 48 entradas que sob esta rubrica se encontram catalogadas no conjunto da

¹ Graduado em História pelo Centro Universitário São José de Itaperuna. Especialista em História Militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Docente da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0913960284485441>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5337-4503>. E-mail: rodrigo.lage@yahoo.com.br

obra de Saramago no arquivo da Biblioteca Nacional de Lisboa, classificam-se em cinco categorias” (COSTA, 2020, p. 159).

O problema dessa afirmação é que ele tomou esta catalogação como uma listagem definitiva. Em nenhum momento Costa discute a possibilidade de que a Biblioteca Nacional de Lisboa tenha deixado de catalogar algumas traduções feitas por Saramago. Infelizmente, foi o que aconteceu. Ao não consultar outros acervos acabou deixando de lado algumas obras e, em maior ou menor grau, essa lacuna vai ter algum impacto nas conclusões a que chegou. A procura por novas traduções é a única forma de se corrigir isso. Com esse objetivo, vamos apresentar de forma resumida a lista elaborada por Costa e, na sequência, iremos acrescentar as traduções que nós encontramos na lista elaborada pela Fundação José Saramago e a de Jorge Santos.

Como as duas listagens estão disponíveis na internet, elas podem ser consultadas facilmente por qualquer pessoa. Elas são importantes porque incluem algumas traduções que não foram incluídas na que foi elaborada de Costa e tem uma organização diferente. Com isso, pretendemos completar sua listagem e verificar até que ponto as traduções que Costa não incluiu nela se inserem, complementam ou corrigem o que ele disse em seu estudo. O que não quer dizer que novas traduções não possam ser encontradas no futuro porque alguma pode ter escapado aos organizadores destas listagens.

A Listagem das traduções de José Saramago de Horácio Costa

A primeira seção do capítulo 5 de *José Saramago: o Período Formativo* é dedicada ao estudo das traduções realizadas por Saramago e o anexo 1 apresenta uma lista delas. Infelizmente, as traduções praticamente não têm despertado o interesse dos pesquisadores² e, com todas as suas limitações, seu trabalho é o mais importante sobre o assunto. Ao estudar a formação do escritor, Horácio Costa partiu da hipótese de que as traduções realizadas por Saramago tiveram um papel importante na sua formação:

² Segundo Ferreira (2014, p. 76), “O editor da Caminho assinalou ainda que as traduções de Saramago eram de tal qualidade que não era necessário grande trabalho de revisão, pelo que se publicavam rapidamente”. A comprovação ou não dessa afirmação depende do estudo das obras, o que torna ainda mais importante a realização desse tipo de trabalho.

O estudo da sua atividade como tradutor permite-nos avançar, tentativamente, através de uma seleção e de uma classificação, ainda que rápidas, do material traduzido, certos nexos com o escritor, ou, mais simplesmente, sobre seu *modus scribendi*, em algum momento dado de sua produção literária (COSTA, 2020, p. 159).

Partindo desta ideia, resolvemos complementar a sua lista e verificar as suas conclusões. Além disso, é preciso corrigir algumas de suas afirmações. Por exemplo, ele lista a tradução de *Ana Karenine* de Tolstói publicada pela *Círculo de Leitores*, em 1971. Contudo, ela foi publicada inicialmente pela *Estúdios Cor*, “em Dezembro de 1959” (FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO, 2014). A edição listada é uma reedição dela. Como ele pretende discutir o papel das traduções na sua formação seria preciso partir sempre da primeira edição de cada uma delas. Na sequência apresentamos a versão simplificada de lista de Costa:

1. REMARQUE, Erich Maria. *A centelha da Vida*. Lisboa: Europa-América, 1955.
2. KIRST, Hans Hellmut. 08/15 – A Caserna. Lisboa: Europa-América, 1956a.
_____. 08/15 – A Guerra. Lisboa: Europa-América, 1956b.
_____. 08/15 – A Derrota. Lisboa: Europa-América, 1957.
3. O’FLAHERTY, Liam. *O Denunciante*. Lisboa: Europa-América, 1956.
4. MOCH, Jules. *Depoimento de Um Socialista Francês*. Lisboa: Europa-América, 1957.
5. GARNIER, Christine. *Uma mulher em Berlim*. Lisboa: Europa-América, 1957.
6. KIRST, Hans Hellmut. *Deus dorme em Masúria*. Lisboa: Europa-América, 1958
7. COLETTE. *Gigi*. Lisboa: Estúdios Cor, 1958.
8. ROY, Jules. *A mulher infiel*. Lisboa: Estúdios Cor, 1959.
9. REISS, Françoise. *A Vida de Nijinsky*. Lisboa: Estúdios Cor, 1958.
10. ROY, Jules. *O navegador*. Lisboa: Estúdios Cor, 1959.
11. LAGERKVIST, Pär. *A Sibila*. Lisboa: Estúdios Cor, 1959.
12. CHASTENET, Jacques. *A vida de Isabel I de Inglaterra*. Lisboa: Estúdios Cor, 1959.
13. POURTALÈS, Gui de. *A vida de Liszt*. Lisboa: Estúdios Cor, 1959.
14. COLLETE. *Chéri*. Lisboa: Estúdios Cor, 1960.
15. CASSOU, Jean. *Panorama das Artes Plásticas Contemporâneas*. Lisboa: Estúdios Cor, 1962.
16. AUDISIO, Gabriel. *A Vida de Harun Al-Rachid*. Lisboa: Estúdios Cor, 1965.

17. MAUPASSANT, Guy de. *Mademoiselle Fifi / Contos da Galinha*. Lisboa: Estúdios Cor, 1965.
18. BONNARAD, André. *A civilização grega*. Vol. 1: Da Ilíada ao Partenon. Lisboa: Estúdios Cor, 1966a.
- _____. *A civilização grega*. Vol. 2: De Antígona a Sócrates. Lisboa: Estúdios Cor, 1966b.
- _____. *A civilização grega*. Vol. 3: De Eurípedes a Alexandria. Lisboa: Estúdios Cor, 1966c.
19. TOLSTOI, Leão. *Ana Karenine*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1971.
20. BAUDELAIRE, Charles. *Os Paraísos Artificiais*. Lisboa: Estampa, 1971.
21. PRANOV, Ivan. *A Agricultura Búlgara na Época Atual*. Lisboa: Estampa, 1976.
22. FAJON, Etienne. *Comunistas e Socialistas: a União É Um Combate*. Lisboa: Moraes, 1976.
23. FRÉMONTIER, Jacques. *Portugal: os Pontos nos ii*. Lisboa: Moraes, 1976.
24. JIVKOV, Todor. *Obras Escolhidas – Vol. 1: A Unidade Popular na Luta pelo Socialismo*. Lisboa: Estampa. 1976a.
- _____. *Obras Escolhidas – Vol. 3: O Partido Comunista na Sociedade Socialista*. Lisboa: Estampa. 1976b.
25. LAZUTKINE, E. *O Socialismo e a Riqueza*. Lisboa: Estampa, 1976.
26. PALMIER, Jean-Michel. *Lenine, a Arte e a Revolução*. 3 Vol. Lisboa: Moraes, 1976.
27. MOSKVICHOV, L. *Teoria da Desideologização: Ilusões e Realidades*. Lisboa: Estampa, 1976.
28. VARIOS AUTORES. *Contos Polacos*. Lisboa: Estampa, 1977.
29. GUICHIANI, Germain. *O Sistema de Organização e Gestão Socialista – Análise Crítica das Teorias Capitalistas de Gestão*. 2 Vol. Lisboa: Moraes, 1977.
30. BALIBAR, Etienne. *Sobre a Ditadura do Proletariado*. Lisboa: Moraes, 1977.
31. MACCIO, Charles. *Para Uma Educação da Liberdade*. Lisboa: Moraes, 1977.
32. VARIOS AUTORES. *A Escola e a Sociedade*. Lisboa: Estampa, 1977.
33. GRISONI, Dominique (Org.). *Políticas da Filosofia: Châtelet, Derrida, Foucault, Lyotard e Serres*. Lisboa: Moraes, 1977.
34. POULANTZAS, Nikos. *O Estado, o Poder, o Socialismo*. Lisboa: Moraes, 1978.
35. POULANTZAS, Nikos. (Org.) *A Crise do Estado*. Lisboa: Moraes, 1978.
36. RICHARD, Michel. *As Grandes Correntes do Pensamento Contemporâneo*. Lisboa: Moraes, 1978.

37. FOCILLON, Henri. *Arte do Ocidente: a Idade Média Românica e Gótica*. Lisboa: Estampa, 1978.
38. PIATON, Georges. *Educação e Socialização: Elementos de Psicologia da Educação*. Lisboa: Moraes, 1979.
39. ROUMAIN, Jacques. *Governadores do Orvalho*. Lisboa: Caminho, 1979.
40. OYONO, Ferdinand. *O Velho Preto e a Medalha*. Lisboa: Caminho, 1979.
41. HEGEL. *A Sociedade Civil Burguesa*. Lisboa: Estampa, 1979.
42. LONGUET, Robert-Jean. *No Coração da Europa... “Primavera” ou “Outono” de Praga?*. Lisboa: Agência De Imprensa Orbis, 1979.
43. BAYER, Raymond. *História da Estética*. Lisboa: Estampa, 1979.
44. DIAZ PLAJA, Fernando. *História da Espanha*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1979.
45. PIÑERO, Juan Batista. *A Viagem Nua*. Lisboa: Estampa, 1980.
46. HONORÉ, Serge. *Os Pais e a Escola: Uma Colaboração Necessária e Difícil*. Lisboa: Moraes, 1980.
47. ZIERER, Otto. *História da Alemanha*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1980.
48. OYONO, Ferdinand. *Uma Vida de Boy*. Lisboa: Caminho, 1981.

Complementando a lista de tradução de Horácio Costa a partir de novas listas

Como foi dito na introdução, encontramos atualmente na internet mais duas listas das traduções de Saramago. A primeira foi elaborada pela Fundação José Saramago. Sobre a atividade tradutória de Saramago nos informam em seu site que: “Em 1955 inicia a sua actividade como tradutor, tendo, até 1985, traduzido do francês mais de 60 títulos” (FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO, 2020). Ou seja, nem mesmo a instituição tem registrado o número exato de traduções feitas por ele. Sua lista possui um total de 53 livros.

Costa listou só 48, mas, no número 2 temos uma trilogia de romances (a Fundação os listou separadamente). Por outro lado, ele apresenta em sua listagem a primeira edição de *A civilização grega*, dividido em 3 volumes (classificados como se fossem um único livro). A lista da Fundação inclui uma reedição desta tradução, publicada em 1984 pela editora *Edições 70*, que é composta de um só volume. Por fim, no número 24, ele classificou os dois volumes do *Obras Escolhidas* de Jivkov como se fossem uma obra só, mas a Fundação catalogou os dois como obras separadas.

Assim, na prática, a lista de Horácio Costa é composta de 51 títulos e não de 48. Já a lista elaborada pela Fundação José Saramago é composta de 53. Contudo, ela possui 6 livros que não estão incluídos na de Costa. Ao mesmo tempo, ela não inclui, da lista de Costa, 7 livros: *Os Pais e a Escola: Uma Colaboração Necessária e Difícil*, *A Viagem Nua*³, *O Velho Preto e a Medalha*, *Governadores do Orvalho*, *A Escola e a Sociedade*, *Para Uma Educação da Liberdade* e *A Agricultura Búlgara na Época Atual*.

Além disso, a lista de Santos que iremos discutir posteriormente inclui mais duas traduções. Isso dá um total de 61 livros traduzidos por José Saramago. Consequentemente, se não apresentamos todas as obras traduzidas por ele estamos bem próximos disso. Seja como for, é importante se destacar o fato de que a Fundação, ao apresentar sua lista, afirma que: “Estão documentados pela Fundação José Saramago os seguintes, sendo que a grande maioria pertence à Biblioteca de José Saramago, Casa dos Bicos em Lisboa” (FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO, 2020).

Deste modo, se a sua listagem inclui somente os que estão no acervo isso quer dizer que eles não possuem todas as suas traduções, nem possuem a primeira edição de cada uma delas. Além disso, não devem ter consultado a listagem de Costa para a elaboração de sua lista, nem devem ter procurado completar o acervo, o que é uma pena. De qualquer forma, pelo que foi dito podemos dizer que, mesmo existindo mais duas listas, elas não substituem a de Costa. O que elas permitem é complementar e corrigir uma ou outra informação dada por ele. Nesse sentido, os livros da lista da Fundação José Saramago que não estão na da elaborada por Costa, com algumas modificações na referência, são:

49. BERTAUX, Daniel. *Destinos Pessoais e Estrutura de Classe*. Lisboa: Moraes, 1978.
50. COLLETE, Chéri. *O fim de Chéri*. Lisboa: Estúdios Cor, 1960.
51. DUBY, Georges. *O tempo das catedrais: A Arte e a Sociedade 980-1420*. Lisboa: Estampa, 1993.
52. GIBEAU, Yves. *A meta*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1957.
53. HIKMET, Nazim. *Os Românticos*. Lisboa: Caminho, 1985.
54. OUSMANE, Sembéne. *O Harmatão*. Lisboa: Caminho, 1983.

³ Apesar de não estar na lista de traduções a Fundação José Saramago publicou, em sua página, um pequeno texto sobre essa tradução. Disponível em: <https://www.josesaramago.org/a-viagem-nua-de-juan-bautista-pinero/>. Acesso em: 06 abr. 2021.

Por fim, acrescentamos os dois livros da lista de Santos, com algumas alterações na referência, que não estão nas anteriores:

55. RICHARD, Michel. *A psicologia e os seus domínios: de Freud a Lacan*. Lisboa: Moraes, 1977

56. BETI, Mongo. *Remember Ruben: Romance de um Povo Africano em Luta*. Lisboa: Caminho, 1983.

Essas novas traduções não só preenchem as lacunas da pesquisa de Costa, mas abrem novos caminhos de pesquisa. Mesmo tendo surgido novos trabalhos sobre elas esse é um assunto pouco estudado e o trabalho Horácio Costa é uma referência obrigatória, mesmo com todas as limitações de sua pesquisa. Ao estudar a atividade tradutória do escritor ele destaca a importância do assunto:

O estudo de sua atividade como tradutor permite-nos avançar, tentativamente, através de uma seleção e de uma classificação, ainda que rápidas, do material traduzido, certos nexos do tradutor com o escritor, ou, mais simplesmente, seu *modus scribendi* em algum momento dado de sua produção literária (COSTA, 2020, p. 157).

Apesar das discussões sobre o papel dessas traduções na formação de Saramago ele não apresenta nenhuma evidência dessa influência. No caso das traduções que Costa não incluiu nós temos a confirmação do escritor sobre a importância de uma delas, a do historiador francês Georges Duby, do grupo de historiadores da chamada *Escola dos Annales*, um movimento historiográfico francês, do século XX, que surgiu em volta da revista *Annales d'histoire économique et sociale*. Assim, na sequência nós examinaremos a importância que ela teve na sua formação e, na última parte, iremos apresentar uma classificação rápida dos demais, acompanhada de alguns comentários sobre os livros e autores traduzidos.

A influência da tradução de Georges Duby na formação de Saramago

Como Horácio Costa foi o primeiro e único a fazer o estudo das traduções de Saramago, nós iremos examinar como elas se encaixam em suas análises. No que diz respeito a sua listagem, ele as dividiu em cinco categorias: literatura, filosofia ou estética, ciências políticas ou história, pedagogia ou psicologia, propaganda político-partidária e biografias ou outras categorias. Pode-se questionar se não seria mais

apropriado dividi-las, transformando a história e a psicologia em novas categorias, mas o fato é que essas traduções se encaixam perfeitamente nesse modelo.

São cinco livros de literatura (50, 52, 53, 54 e 56), dois de ciências políticas ou história (49 e 51) e um de pedagogia ou psicologia (55). No que diz respeito ao papel das obras literárias que traduziu, na sua formação, Costa entende que elas “representam um papel maior quanto à formação da sua escrita” (COSTA, 2020, p. 160). As demais categorias “incidem mais no plano da sua formação mais claramente intelectual” (COSTA, 2020, p. 160). Mas, como o próprio autor reconhece que essa divisão foi feita por um princípio organizador e não porque ele os considera excludentes, nós podemos dizer que os textos de não-ficção também terão um papel importante na formação da escrita.

A maior prova desse fato está na tradução do livro *O tempo das catedrais*⁴ de Duby. A sua concepção de história, a relação da literatura com a história, entre outras coisas, que vão estar por trás de toda a sua produção de caráter histórico vão ser profundamente influenciadas pelas ideias dos historiadores dos *Annales*. Sobre essa tradução em especial afirmou, numa entrevista a José Carlos de Vasconcelos, que foi publicada inicialmente no *Jornal de Letras*, em 18 de abril de 1989:

Eu traduzi livros de Georges Duby, um deles *O tempo das catedrais*, que me fascinou. E aí eu pude ver como é fácil não distinguir aquilo a que chamamos ficção, e aquilo a que chamamos história. A conclusão, certa ou errada, a que eu cheguei é que, em rigor, a história é uma ficção. Porque, sendo uma seleção de factos organizados de certa maneira para tornar o passado coerente, é também a construção de uma ficção (AGUILERA, 2010, p. 269-270).

Apesar de a tese de Costa ter sido defendida em 1994 ele não menciona a entrevista, o que explica a não inclusão do livro de Duby na lista. O mais curioso, nessa entrevista, é que ele afirmou ter traduzido mais de um livro, mas não foi possível encontrar outras traduções. Se isso de fato ocorreu, não tendo sido um lapso da memória, nenhuma das listas está completa e novas traduções poderão ser adicionadas no futuro. Seja como for, ele não faz menção à importância que os historiadores dos *Annales*, de modo geral, tiveram na sua obra.

⁴ Em 2012, Célia Caravela publicou um importante estudo desse livro, que é um dos poucos trabalhos sobre as traduções de Saramago, o artigo intitulado *José Saramago traducteur de Georges Duby: un temps d'apprentissage pour le futur romancier*. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672012000300008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 3 mai. 2021.

Lendo a bibliografia de *O período formativo* vemos que ele não incluiu o livro *Diálogos com José Saramago*, de Carlos Ceia, que foi publicado pela primeira vez em 1988. Isso explica o desconhecimento que ele demonstra ter do impacto das ideias defendidas pelos historiadores da *Escola dos Annales*, mais especificamente os da *Nouvelle Histoire*, na formação do escritor. Isso impediu que ele fizesse certas conexões importantes para a compreensão da sua formação. Ao falar sobre suas ideias a respeito da História disse Saramago:

Foi isso que me levou a esse sentido da História, que para mim era confuso, mas que depois vim a entender, em termos mais científicos, a partir do momento em que descobri uns quantos autores (os homens dos *Annales*, os da *Nouvelle Histoire*, como Georges Duby ou o Jacques Le Goff), cujo olhar histórico ia por esse caminho (REIS, 1988, p. 80).

Outra referência sobre a importância que a obra de Duby teve não só para a sua formação, mas para a sua escrita, está no seu diário, no qual ele é mencionado mais de uma vez, numa anotação do dia 3 de dezembro de 1996. Falando a respeito da morte do historiador, escreve Saramago (1997, p. 262):

Morreu Georges Duby. Ficaram de luto os historiadores de todo o mundo, mas sem dúvida alguns romancistas. Este português, por exemplo. Posso mesmo dizer que sem Duby e a “Nouvelle historie” talvez o *Memorial do convento* e a *História do cerco de Lisboa* não existissem...

Por tudo isso, podemos dizer que a tradução do livro de Duby foi fundamental e o fato de não ter sido incluído na lista de Costa prejudicou sua análise. Nesse sentido, a importância dos livros de história que Saramago traduziu, na sua formação, precisa ser totalmente revista⁵. Além disso, é preciso verificar se ele realmente traduziu outros livros do historiador francês.

Um exame das demais traduções não incluídas na lista de Horácio Costa

⁵ Nesse sentido, já existem alguns artigos que tem se dedicado a estudar as relações existentes entre a obra de Saramago e as ideias de Duby como o *A trama cruzou-se com a urdida: a ficção de José Saramago e o encontro com a história segundo Georges Duby*, de José Dércio Braúna; o *Da Nova História à metaficção historiográfica: a gênese de Blimunda*, de Conceição Flores.

A ausência do livro de DUBY não é o único problema das análises de COSTA. Como ele parte do princípio de que o escritor traduziu, principalmente, para “responder a uma solicitação do mercado” (COSTA, 2020, p. 160), ele excluiu alguns livros da lista de suas análises. Ele dá dois exemplos, um livro de estética (sobre arte contemporânea) e um de pedagogia, dizendo:

em que pese seu interesse ou as suas possíveis qualidades intrínsecas ou, ainda, em que pese que poderiam sugerir uma longínqua correspondência com a obra posterior de Saramago, pelo motivo anterior, não recebem uma atenção focalizada nesse estudo (COSTA, 2020, p. 160).

Mesmo que seus motivos sejam válidos, agora que o escritor está morto e temos acesso a maior documentação essa posição precisa ser revista. O problema dessa exclusão é que ela deixou de lado o papel que essas obras podem ter exercido na elaboração de textos de não-ficção. Um exemplo disso são as obras de pedagogia. O livro *Democracia e Universidade*, por exemplo, contém duas conferências que tratam de questões ligadas a educação. Isto é, José Saramago desenvolveu um pensamento pedagógico que não pode ser ignorado. Já existem mesmo alguns trabalhos sobre este tema como o artigo *Avaliação, qualidade e universidade na dicotomia educar/instruir: um diálogo possível entre José Saramago e a pesquisa em Educação Superior*, de Edgar Domingo de Albuquerque, e a resenha que publiquei do livro⁶.

Nesse sentido, a inclusão do livro de Richard é importante porque é mais uma obra que trata de questões ligadas à educação. Num primeiro momento ele vai discutir a relação entre a psicologia e a escola, o que lhe permite abordar temas referentes, por exemplo, aos métodos de ensino e ao problema da inadaptação na escola. Essas questões são acompanhadas de um estudo da psicologia infantil e de seu desenvolvimento neuropsíquico, o que leva a uma extensa análise de questões referentes à deficiência mental, entre outros assuntos. São temas que não tem espaço na sua obra ficcional, mas que são de fundamental importância para a sua formação e a elaboração de uma visão pedagógica.

Nesse sentido, por seu interesse pelo ser humano e a sociedade de modo geral consideramos que a tradução de obras de pedagogia, psicologia, ciências políticas e

⁶ Foi publicada na *Revista Religación*, Quito. v. 1, n. 3, em 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/28907223/Resenha_do_livro_Democracia_e_universidade_de_Jos%C3%A9_Saramago. Acesso em: 06 abr. 2021.

propaganda político-partidária foi importante e não pode ser ignorada. Mesmo que não tenham tido influência direta na sua obra escrita. Isso permitiu que ele tivesse acesso a ideias e discussões sobre questões relevantes que podem, de algum modo, ter sido discutidos em seus textos. Se não fosse esse trabalho possivelmente o escritor jamais teria lido sobre determinados temas, como a pedagogia.

Como o objetivo de Costa era estudar a “evolução escritural de Saramago” (COSTA, 2020, p. 77), ele deixou de lado aquilo que dizia respeito a sua formação pessoal e que poderia ter aparecido, principalmente, em textos de não-ficção. Isso fez com que ele não estudasse os livros *As Opiniões que o DL Teve* e *Os apontamentos*. Nesse sentido, elas podem ter influenciado as ideias apresentadas em seus textos jornalísticos, em entrevistas, conferências, etc. Daí a importância, por exemplo, da inclusão da obra de Bertaux e sua valorização de relato de vida como fonte de pesquisa e suas discussões a respeito da noção de classe:

Daniel Bertaux é um sociólogo francês amplamente reconhecido na Europa e alhures por ter sistematizado o método de pesquisa qualitativa que chamou de etnossociologia. Nele, os relatos de vida constituem fontes de dados por excelência. Renomado pela obra *Le récit de vie* (Bertaux, 1997), sua abordagem foi introduzida no Brasil há quase quarenta anos por meio da publicação *Destinos pessoais e estrutura de classe* (Bertaux, 1979) (COSTA; SANTOS, 2020, p. 319).

Por fim, temos as obras literárias, que ele divide em três grupos. Temos o formado por escritores célebres e os clássicos do ocidente, o de escritores da atualidade e o dos *best-sellers*. Para efeitos de estudo, ele as divide em dois polos distintos: “o de traduções *formativas* (que, de alguma maneira, terão contribuído visivelmente para a formação da voz autoral de Saramago) e o de traduções conjunturais (aquelas obviamente feitas pelo autor em função de uma necessidade pessoal)” (COSTA, 2020, p. 161). Os autores da atualidade ocupariam um espaço intermediário entre os dois:

a fronteira entre estes polos faz-se tênue, entre outras razões porque seria demasiado arriscado aqui tratar de delimitar a qualidade literária de uma obra um tanto arbitrariamente, em função do quadro cultural que hoje manejamos, passados, em média, trinta anos de sua tradução (COSTA, 2020, p. 161).

No grupo de autores célebres ele inclui, “por ordem de aparição os romances de Colette” (COSTA, 2020, p. 162). Consequentemente, a de *O fim de Chéri* se enquadra nesse grupo. Já a obra de Yves Gibeau se enquadra na dos escritores da atualidade. Ele foi compositor, jornalista e romancista. O tema da guerra é central em sua obra, mas de um modo negativo, até porque ele foi capturado pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial, em 1940, e só foi repatriado em dezembro de 1941. Como outras traduções foi feita do francês e segue uma temática que está presente em outras traduções, o que, segundo Costa (2020, p. 165), “bem pode explicar-se por uma oportunidade mercadológica conjuntural”.

Já a tradução de Nazim Hikmet é mais difícil de ser enquadrada na classificação de Horácio Costa. Apesar de se encaixar no perfil de um escritor da atualidade ele é visto como o mais importante poeta de vanguarda turco. Nesse sentido, hoje poderíamos incluí-lo entre os autores célebres. Ele foi muito influenciado por poetas russos partidários do futurismo. Na contracapa do livro lemos: “Os Românticos é um original e cristalino romance, que deixará uma impressão indelével no leitor de língua portuguesa. Conjuga a História com a Poesia e é uma voz fraternal, ampla e refinada, que deixa um eco fundo” (HIKMET, 1985). A publicação de seu livro pode ser explicada por uma pelo reconhecimento que Hikmet obteve naquele período.

Por sua vez, a obra de Ousmane Sembène também é de difícil classificação. Dentro dos critérios de Costa ele se enquadraria na dos escritores da atualidade, mas devido a sua importância poderíamos incluí-lo, atualmente, entre os ilustres. Ele foi um militante marxista que atuou como escritor e cineasta, sendo considerado por alguns o pai do cinema africano. Segundo Durão (2013, p. 124), “Os romances de Sembène e seus filmes demonstram parte do modo de vida africano e das complexidades que foram encontradas após a independência, uma realidade pouco explorada até o momento”.

Um tema que não foi trabalhado por Saramago na sua obra ficcional e poética, mas que aparece, por exemplo, em algumas crônicas como *O difícil empenhamento*, *Com todas as forças* e *Moçambique, viva!* do livro *Os apontamentos*. Assim, não podemos dizer que esses romances contribuíram somente para a sua formação, eles também irão estar presentes em sua escrita. Até porque partimos do princípio de que a crônica também é um texto literário, independentemente do assunto. Ao mesmo tempo, podem nos ajudar a entender seu posicionamento político sobre essa questão.

Segundo Ana Paula Ferreira, o livro de Sembène e o de Mongo, o último romance omitido da lista de Costa, estão “entre os cinco romances de autores francófonos de nítida opção pós-colonial” (FERREIRA, 2014, p. 75) que ele traduziu. A tradução de seus livros está relacionada ao contexto vivido por Portugal naquele período: “Entre finais da década de 1970 e meados da década seguinte, regista-se um surto sem precedente em Portugal de traduções de escritores pós-coloniais, na sua maioria africanos francófonos e anglófonos” (FERREIRA, 2014, p. 76).

A inclusão desses romances na lista nos ajuda a ter uma visão mais precisa do conteúdo ideológico das obras que ele traduziu. Isso contribui para que possamos compreender como se relacionam com o pensamento de Saramago. Em relação aos livros de Sembène, Mongo e demais autores pós-coloniais, “[...] se regista certa coerência ideológica entre as mesmas e várias das obras de ciências sociais, de história, de educação e de história de arte, por exemplo, que Saramago traduz no mesmo período” (FERREIRA, 2014, p. 77). O que nos permite ter uma visão mais precisa de como esses livros terão contribuído para a sua formação.

Conclusão

Horácio Costa realizou um trabalho pioneiro sobre o período formativo de José Saramago abordando temas e obras que ainda são pouco estudados. Contudo, isso não quer dizer que suas análises não tenham certas limitações e lacunas que não podem ser ignoradas. Partindo dessa hipótese, decidimos estudar a listagem de traduções do escritor que ele elaborou. Comparando com duas outras listagens apontamos a ausência de alguns livros sendo que um deles, segundo o próprio Saramago, teve papel fundamental na sua formação.

Examinamos as referências que o escritor fez ao livro que ele traduziu de Duby e discutimos o papel que ela exerceu, além de discutir a possibilidade de que outras traduções tenham sido feitas, apesar de não terem sido encontradas. Na sequência, procuramos enquadrar as outras traduções na classificação geral que Costa elaborou e apresentar algumas informações sobre as obras e autores, além de discutir a possibilidade de algumas delas terem tido papel na sua formação. Esperamos que nosso trabalho possa incentivar novos estudos sobre o assunto e contribuir para um melhor conhecimento da atividade tradutória do escritor.

Referências

- AGUILERA, Fernando Gómez. *José Saramago nas suas palavras*. Lisboa: Caminho, 2010.
- CEIA, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Editorial Caminho de Portugal, 1998.
- COSTA, Luciano Rodrigues; SANTOS, Yumi Garcia dos. O "relato de vida" como método das Ciências Sociais: Entrevista com Daniel Bertaux. *Tempo Social*, São Paulo, v. 32, n. 1, 2020, p. 319-346. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/159702>>. Acesso em: 06 abr. 2021.
- DURÃO, Gustavo de Andrade. Ousmane Sembène: uma abordagem cultural na luta contra o colonialismo de 1950 a 1969. *Temporalidades*, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, 2013, p. 123-136. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5479>>. Acesso em: 06 abr. 2021.
- FERREIRA, Ana Paula. Tradução e utopia pós-colonial – a intervenção invisível de Saramago. In: BALTRUSCH, Burghard (Org.). *“O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia”*: Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago. Berlin: Frank & Timme GmbH, 2014.
- FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO. *Ana Karenine*, de Leão Tolstói, traduzido por José Saramago. In: *Fundação José Saramago*, Lisboa, 28 jul. 2014. Disponível em: <https://www.josesaramago.org/ana-karenine-de-leao-tolstoi-traduzido-por-jose-saramago/>. Acesso em: 06 abr. 2021.
- FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO. José Saramago – Tradutor. Obras traduzidas por José Saramago. In: *Fundação José Saramago*, Lisboa, 13 abr. 2020. Disponível em: <https://www.josesaramago.org/traducoes-de-jose-saramago/>. Acesso em: 06 abr. 2021.
- HIKMET, Nazim. *Os Românticos*. Lisboa: Caminho, 1985.
- SANTOS, Jorge. Traduções feitas por José Saramago. *Ap Aprender Português*, 1998. Disponível em: <https://www.oocities.org/fernandoflores.geo/tsaramag.htm>. Acesso em: 06 abr. 2021.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*. Diário IV. Lisboa: Caminho, 1997.

Recebido em: 20/06/2021

Aceito em: 30/08/2021